

O Doutor Voronoff de Mendes Fradique

Mendes Fradique's *Dr. Voronoff*

ETHEL MIZRAHY CUPERSCHMID

Historiadora. Coordenadora acadêmica do Centro de Memória da Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

RESUMO O presente artigo trata da repercussão literária da visita do célebre médico judeu Serge Voronoff ao Brasil por ocasião das Jornadas Médicas em junho de 1928. Mesmo antes de sua visita médica ao País, o escritor e médico Dr. Madeira de Freitas – cujo pseudônimo era Mendes Fradique – escreveu um romance em torno das novas e surpreendentes perspectivas da medicina moderna. Assim, a obra *Doutor Voronoff* (1926) antecipa para o imaginário do leitor brasileiro as possíveis consequências da cirurgia de rejuvenescimento propostas pelo médico russo. Apontase, ainda, a relação da imagem literária de Voronoff com os ideários de antissemitismo e de eugenia que se espalhavam no Brasil e no mundo na primeira metade do século XX.

PALAVRAS-CHAVE Dr. Voronoff; Mendes Fradique; antissemitismo; xenotransplante; rejuvenescimento.

ABSTRACT The present article is about the literary repercussion of the visit that the celebrated Jewish doctor Serge Voronoff to Brazil during the Medical Journey in June 1928. Even before his visit to the country, the writer and doctor Madeira de Freitas – whose pseudonym was Mendes Fradique – had written a novel about the new and surprising perspectives of the modern medicine. Thus, the book “Doctor Voronoff” (1926) anticipates for the imaginary of the Brazilian reader the possible consequences of the surgery of rejuvenation proposed by the Russian doctor. It is also pointed out the relation between the literary picture of Voronoff and the ideas of anti-Semitism and eugenics that spreaded throughout Brazil and the whole world in the first half of the 20th century.

KEYWORDS Dr. Voronoff; Mendes Fradique; anti-Semitism; xenotransplantation; rejuvenation.

O DOUTOR MADEIRA DE FREITAS, CAPIXABA NASCIDO EM 1893, ALÉM DE MÉDICO, também era artista plástico, desenhista, caricaturista, pintor e escritor. A partir de 1917, estreia na imprensa carioca em diversas revistas com o gênero de crítica política e literária na Revista *Rio Ilustrado* e na Revista *Dom Quixote*, com o pseudônimo Mendes Fradique. Na década seguinte, participa como colaborador em jornais do Rio, do Paraná e de São Paulo e também escreve contos diversos para a Revista *O Cruzeiro*.

Sua produção é vasta e bem humorada. Segundo a obra de Isabel Lustosa (1993), entre os títulos de autoria de Mendes Fradique, podemos citar: *Contos do Vigário* (1922), *Lógica do Absurdo* (1926), *Ideias em Zig-Zag* (1928), *História do Brasil pelo Método Confuso* (1921), *No Século da Cocaína* (1927), *O Bom Senso da Loucura* (1928), *Gramática pelo método confuso* (1928) e *Pantomimas* (1930).

Segundo Cleverson Ribas Carneiro (2008, p.48),

Paralelamente à carreira de satírico e jornalista, associada ao pseudônimo Mendes Fradique, desenvolveu-se a carreira de médico de José Madeira de Freitas, especialista em diabetes, com consultório e clientela estabelecida na zona norte do Rio de Janeiro. Em 1930, ele assumiu a cadeira de professor de História da Medicina da Faculdade Fluminense. A partir de então se dedicou à publicação de jornais. Em 1934 publicou o jornal integralista *A ofensiva* e em 1937 o jornal humorístico *O macaco*; nesta publicação o pseudônimo já havia sido substituído pelo sobrenome do autor, Madeira.

Entretanto, a obra *Doutor Voronoff* é anterior ao posicionamento integralista do autor nos anos 1930, uma vez que foi publicada em 1926. Entende-se aqui o Integralismo como um movimento político de extrema direita representado pela Ação Integralista Brasileira (1932-1937), de inspiração fascista. *Doutor Voronoff* é uma obra que contém elementos tanto conservadores quanto modernizantes. Conservadores quando ilustra a importância da família como base da sociedade e modernizantes quando mostra os avanços da medicina rompendo os limites da natureza. Esta obra de Mendes Fradique inclui, entre suas personagens relevantes, o próprio motivo do título. Trata-se de uma figura que existiu realmente e que já ocupava espaço na mídia internacional devido à cirurgia de rejuvenescimento. Associava-se, portanto, ao progresso científico futurista e também se prestava ao chiste. Além disso, era de origem judaica e não negava essa informação.

Seu nome é citado na Enciclopédia Judaica mais como cientista e médico do que propriamente como judeu:

Trabalhando na França, desenvolveu o transplante de glândulas e aumentou assim o crescimento de lã nos carneiros. Estimulou também a atividade sexual pelo transplante de glândulas de macacos superiores para seres humanos, alegando que a vida humana poderia desta forma ser prolongada até 140 anos. (ROTH, 1967, p.1199).

É interessante notar que a expressão “Que viva até os 120 anos!” é comumente utilizada pela comunidade judaica em ocasiões festivas, como comemoração de aniversários, remetendo, talvez, à longevidade de personagens bíblicos e associando esse fato a bênçãos divinas.

Serge Voronoff preencheu, na imprensa de mas-

sa da época, a imagem do “médico judeu”, com os poderes extraordinários e misteriosos da ciência moderna. Como figura bem sucedida (morava num palácio, possuía clínica própria e fornecedores exclusivos de primatas e circulava em altas rodas da sociedade europeia), Voronoff se prestava à imagem do judeu inteligente, rico e influente, imagem comumente associada ao judeu capitalista, tão cara ao antissemitismo do início do século XX. De acordo com a obra do historiador Leon Poliakov – em especial em sua obra *A Europa Suicida* (1985) – sobre o antissemitismo e as diversas formas e períodos em que esse sentimento foi cristalizado em ataques, discursos e manifestações ao longo da história, Voronoff apresentava atributos facilmente associados a esse tipo de discriminação, o que tornava sua personagem ainda mais emblemática.

Na Idade Média, por exemplo, os médicos judeus eram tidos em excelente conceito e atendiam a nobreza, eram regamente pagos e tinham uma série de regalias. Segundo Poliakov (1979), eles eram figuras privilegiadas e ficaram conhecidos como “judeus da corte”. Voronoff era figura transnacional, falava várias línguas, era viajado, estudado e alardeava possuir uma perícia única, daí ser tão valorizada em termos econômicos e também imágéticos. Era uma espécie de mágico moderno – cientista – capaz de alterar desígnios divinos e prolongar a vida dos seres humanos.

Médico, cientista e judeu, uma mistura rica em possibilidades: ora a genialidade trará avanços para a humanidade, ora contribuirá para sua perdição. A obra de Mendes Fradique trabalha bem este imaginário ambíguo. Então, Mendes Fradique, em seu romance, criou uma personagem baseada no imaginário de época. O Dr. Voronoff emana todos os dons e defeitos a que estavam sujeitos os judeus.

É fundamental salientar que, entre o final do século XIX e início do século XX, imperavam leis

antisemitas na Rússia, como serviço militar obrigatório de 25 anos, *pogroms*, *numerus clausus*, taxa de capitação especial, entre outros. E foi esse contexto que impulsionou ondas de migração significativas da comunidade judaica tanto para os Estados Unidos quanto para outras partes do mundo.

Para os idosos, seu nome, a figura e a técnica de Voronoff estavam impregnadas de esperanças de um rejuvenescimento certo e seguro. Para os jovens e para a população dos grandes centros brasileiros, Voronoff inspirou marchinhas de carnaval e foi motivo de zombarias e piadas. Durante muito tempo, ocupou o imaginário popular de forma indelével e era lembrando sempre que surgia alguma possibilidade de avanço na área médica (CUPERSCHMID; CAMPOS, 2007).

Mas, afinal, quem era Serge Voronoff?

Os leitores de jornais e o público leigo aos poucos puderam formar uma imagem dessa personagem. Cada notinha na imprensa trazia informações espetaculares que geravam diversas especulações e causavam alvoroço na sociedade.

Essas pequenas notas surgiram no final da década de 1920 e são as que dão notícia sobre as Jornadas Médicas, evento internacional promovido pelas Associações Médico-Cirúrgicas em meados de 1928. O evento ocorreu no Rio de Janeiro, então Capital Federal. As reuniões estavam programadas para ocorrer na Sociedade de Medicina e Cirurgia sob a presidência do Dr. Fernando de Magalhães.

Segundo notícia publicada no Diário de Minas em doze de julho de 1928, as Jornadas Médicas seriam um acontecimento científico de grande relevo na vida do país. Participariam médicos do Brasil, de Portugal, da França, da Alemanha, do Uruguai e da Argentina. A Faculdade de Medicina em Belo Horizonte anunciou, nome por nome, os participantes da embaixada que seriam enviados para prestigiar o evento, comissão chefiada pelo Dr.

Lopes Rodrigues, professor de psiquiatria.

Serge Samuel Voronoff (1866-1951) é referido como sábio, cientista, médico, cirurgião, fisiologista e professor. Sua nacionalidade era incerta: ora era russa, eslava ou francesa. Verdadeiramente, ao que tudo indica, tratava-se de um judeu russo naturalizado francês em 1895 e que concluiu seus estudos de medicina em Paris.

A biografia escrita por Jean Réal (2001) afirma que Serge Voronoff nasceu com o nome de Samuel Abrahamovitch numa vila próxima a Voronej, na Rússia, em 1866. Tornou-se mundialmente famoso como cirurgião ao fazer enxertos e experiências glandulares para melhoria de raças de ovinos e equinos.

Voronoff deixou a Rússia em 1884 e foi estudar medicina em Paris. Entre seus professores, atribuía sua perícia cirúrgica aos ensinamentos do Dr. Alexis Carrel (1873-1944), pioneiro na técnica de transplante de tecidos. Segundo Adler (2006), Carrel promoveu avanços que levaram à moderna cirurgia de transplante. Ele recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina de 1914 por sua contribuição à sutura dos vasos sanguíneos e pelas experiências de transplantes de órgãos.

Depois de formado, Voronoff trabalhou 14 anos num hospital no Egito. Ali ele teve oportunidade de observar eunucos, evidenciou sua obesidade, sua falta de pelos, sua pélvis alargada, seus músculos flácidos, seus movimentos letárgicos, sua falta de memória e sua inteligência débil. Assim, concluiu que a falta de testículos envelhecia e que a sua presença deveria promover o rejuvenescimento. Segundo ele, os testículos não possuiriam apenas uma função genital, mas eles agiriam no desenvolvimento ósseo, muscular, nervoso e psicológico do indivíduo. O envelhecimento seria resultado da redução da velocidade de produção de secreções endócrinas e de hormônios, especialmente os sexuais.

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918),

Voronoff trabalhou atendendo soldados franceses feridos. Algumas fontes sugerem que, nessas ocasiões, Voronoff fez transplantes de ossos em soldados utilizando-se de material oriundo de combatentes que tiveram seus membros amputados durante as batalhas. Oriol (2001) afirma que Voronoff transplantou um osso de chimpanzé em um soldado ferido em 1915 e que essa cirurgia lhe deu a ideia de transplantar o testículo de um macaco em um homem.

Segundo Voronoff (1928), o xenotransplante glandular permitiria uma produção constante de hormônio e não iria recorrer a injeções constantes, como no caso da opoterapia, terapia feita com o suco de glândulas animais. Ele afirmava que o enxerto da glândula tireóide de macaco dava resultados superiores aos daqueles enxertos em que eram utilizadas glândulas humanas. Mas a infraestrutura para o transporte desses órgãos ou mesmo hospitais e profissionais especializados continuavam no terreno da esperança futurística. A expectativa de Voronoff era de que os avanços da mentalidade e das leis alcançariam a evolução da ciência. As pessoas deveriam entender que poderiam servir a humanidade mesmo depois de mortas (VORONOFF, 1928).

Entre 1920 e 1930, segundo Gillyboeuf (2000), Voronoff operou 40 homens em suas clínicas particulares, na Vila Molière (em Auteil), Ambroise Paré (em Neully) e na clínica da Rue Montaigne (em Paris). Com base na escassa documentação encontrada, já que alemães e russos dividiram seu arquivo no decorrer da Segunda Guerra Mundial, Voronoff submeteu ao xenotransplante nove empregados, sete doutores, quatro engenheiros, quatro intelectuais, três arquitetos, três industriais, dois advogados, dois professores universitários, um milionário, um agrônomo, um pintor e um trabalhador. Três eram estrangeiros, nove estavam entre as idades de 20 e 40 anos, dezoito tinham entre 41 e 60 anos e dezessete tinham entre 61 e 80 anos.

Muitas operações desse tipo foram feitas depois, com muitos fracassos. Entretanto, o entusiasmo do médico Voronoff não diminuiu. Assim como o número de admiradores. Mas ele fazia questão de afirmar que, muito mais do que aspectos afrodisíacos, o xenotransplante de glândulas sexuais de macacos em homens tinha como finalidade o rejuvenescimento e a restauração física e intelectual do homem. Tanto que seus primeiros pacientes foram um monge e um padre!

De acordo com a tendência da medicina eugênica em voga nos anos de 1920 e 1930, Voronoff pretendia rejuvenescer organismos humanos com o transplante de glândulas de chimpanzés e babuínos, que foram elevados assim ao grau de espécie fraterna com o gênero humano. O macaco, por ser semelhante ao homem e aparentado a ele na escala evolutiva, por ter um corpo forte e uma boa qualidade de órgãos e saúde, deveria ser o animal utilizado na melhoria de vida dos seres humanos.

Entre 1920 e 1940, mais de 45 cirurgiões utilizaram técnicas de Voronoff, e foram feitos cerca de dois mil xenotransplantes entre primatas não humanos e humanos. Nos anos de 1930, mais de 500 homens foram operados na França, e outros tantos no restante do mundo: Estados Unidos, Itália, Rússia, Brasil, Chile e Índia.

Resultados positivos e animadores foram informados ao mundo, mas, com o tempo, uma espécie de retransplante foi se tornando frequente. Voronoff afirmava que o segundo enxerto, que então passou a ser praticado na metade dos casos cinco ou seis anos depois do primeiro, apresentou resultados positivos similares àqueles conferidos pela cirurgia inicial (VORONOFF, 1928).

Em todo o caso, a utilização de hormônios sintéticos na década de 1940 para tratamento da senilidade e da recuperação de fraturas ósseas em

peessoas de idade avançada fez com que a cirurgia de Voronoff fosse abandonada.

Em princípio de julho de 1928 Voronoff é esperado com macacos e macacas para demonstrações para um público seleto de médicos e veterinários durante as Jornadas Médicas programadas para ocorrer entre os dias 15 e 20 de julho (Diário de Minas, de cinco de abril de 1928). Deve-se levar em consideração que parte da elite brasileira já havia se submetido aos xenotransplantes rejuvenescedores antes de sua visita ao País.

Na recepção das Jornadas Médicas, Voronoff teve direito a uma pequena homenagem feita pelo artista Mendes Fradique, que fez uma montagem caricaturada na qual se via o médico engaiolado à mercê de um chimpanzé (A Noite, de dezesseis de julho de 1928).

O público das suas conferências foi bastante eclético. Compareceram não apenas médicos e cirurgiões, mas também senhoras e idosos interessados no rejuvenescimento. Nessas ocasiões, Voronoff contou sobre o desenvolvimento de suas pesquisas e sobre o seu estudo das causas da velhice e terminou afirmando ser o xenotransplante uma verdade científica (A Noite, dezesseis de julho de 1928).

Mendes Fradique aproveitou a ocasião para entregar seu livro, publicado em 1926, nas mãos do Dr. Voronoff, numa espécie de “segundo lançamento” da obra. Serge Voronoff ficou encantado e providenciou a compra de um dicionário português-francês para fazer a leitura da obra.

O romance de Mendes Fradique foi redigido entre setembro de 1923 e maio do ano subsequente, conforme podemos constatar na última página da obra. Fica evidente que o Doutor Madeira de Freitas acompanhava os debates médico-científicos dos jornais europeus e americanos e fez questão de utilizar-se da linguagem médica em seu romance,

inclusive cita figuras importantes do meio médico, como o Doutor Miguel Couto.

Nesse romance, uma espécie de proficção científica brasileira, segundo Carneiro (2008, pp.183-184), “a linguagem científica é bem desenvolvida e faz termos especializados tornarem-se compreensíveis ao universo dos leitores comuns, algo intimamente relacionado à prática profissional de Madeira de Freitas”.

A obra é composta de vinte capítulos. O enredo é descrito a seguir. Os trechos citados estão conforme a grafia da época.

Eduardo Marinho também conhecido como “Rei do Thorio”, era um rico empresário capixaba, médico de formação, solteirão inveterado, que adotou, ainda bebê, a filha de seu antigo sócio, Glorinha, filha carinhosa e exemplar. Seu ex-sócio, o judeu holandês, Maurice Dawidson, desapareceu na mesma época em que deu desfalque na companhia. Aqui, a origem judaica de seu sócio está diretamente ligada ao ato criminoso do desfalque, reforço ao imaginário do período em que judeus foram associados a esse tipo de prática.

Esse mesmo Maurice abandonou sua mulher, Ruth, às vésperas de dar à luz. Aqui, transmite-se a ideia de que, além de desonesto nos negócios, era pessoa não confiável, capaz de largar a família e pensar somente em negócios. Infortunadamente, Ruth morre em decorrência do parto. Quem educou Glorinha foi Dona Sinhá, governanta de confiança.

A narrativa tem início nas comemorações de 20 anos de Glorinha e descreve os modos e as modas do período na alta sociedade do Rio de Janeiro. Eduardo Marinho, descrito até então como velho celibatário, apaixonou-se pela viúva do banqueiro Amadeo Morinelli, Gina, criatura misteriosa e belíssima. Seu melhor amigo, Gabriel Gonzaga, o estimula a prosseguir o romance. Entretanto, devido à sua idade avançada, Eduardo Marinho vê-se dian-

te de uma incapacidade viril em seus sessenta e oito anos. Isso o deixa arredio, tímido e deprimido.

Fugaz entusiasmo, illusão ephemera, desfeita ao primeiro sopro da razão, que o chamava à realidade de seu estado senil. Então, o veto irrearrível lançado pela contingência da própria incapacidade physica sobre o impulso do seu legitimo orgulho d'homem, fulminou-o. Eduardo sentiu pela primeira vez, a humilhação da velhice (FRADIQUE, 1926, p 57)

Eduardo busca então ajuda de seu amigo e médico Angenor Porto. Este desaconselha o uso de operárpicos, enxertos e ligaduras: “os jornaes berram, fazem barulho, mas tudo bobagem, motivo de sen-sação” (FRADIQUE, 1926, p.109). Eduardo então menciona o nome do médico Voronoff, mas Angenor pondera, diz que ele “consequira, é verdade, três ou quatro dezenas de casos animadores, enxertando em alguns débeis a glândula genital do macaco, mas tudo não foi mais do que “uma reabilitação momentânea, illusoria...” (FRADIQUE, 1926, p.110).

O fato é que tanto a autossugestão quanto a receita de um afrodisíaco pelo Dr. Angenor falharam. Eduardo Marinho se sentia péssimo:

Sobre a susceptibilidade do amor próprio, sobre o ardor da paixão irreprimível, desabára-lhe o ridiculo daquella fallencia, como um arranha-céus de vinte andares, soterrando, ao peso dos escombros, a ultima illusão do desventurado sexagenário. (FRADIQUE, 1926, p.138)

Em viagem de negócios a Vitória, Eduardo é envolvido novamente pelo assunto da cirurgia rejuvenescedora em conversas com o senador Jesuíno Séve, que está animado a esperar o cirurgião chegar ao Rio de Janeiro para se submeter à operação.

E o Séve expoz tudo quanto sabia sobre o processo de rejuvenescimento, admirando-se mesmo de que Eduardo desconhecesse o caso de Voronoff. No começo os estudos eram feitos com glandula de macaco, e ainda se empregava este material; mas já tinham sido feitas varias operações com glandula humana. Houvera até um certo escandalo em Paris, em torno da legitimidade da doação do tecido humano. Voronoff começou tentando aproveitar os órgãos dos cadaveres ainda quentes; mas depois veiu à baila a discussão sobre o emprego da glandula humana de vivos. Discutiui-se muito, fez-se um grande banzé, os moralistas botaram a bocca no mundo; mas poz termo à encrenca uma lei, largamento debatida no parlamento, em virtude da tal ficára estabelecido que qualquer individuo de maioridade e consciente poderia, livremente, abrir mão de uma glandula, com o sem interesse lucrativo, visto como estava demonstrado que a suppressão de um dos elementos de determinados órgãos pares não trazia danno algum à vida ou mesmo à saude do doador. (FRADIQUE, 1926, p.254-5)

Nesse meio-tempo, Glorinha sofre uma desilusão amorosa e fica totalmente apática. Toda a família vai passar um período na estação de Águas de São Lourenço. A pretexto de resolver questões de suas empresas, Eduardo Marinho volta ao Rio de Janeiro para se submeter à cirurgia do Dr. Voronoff, de passagem pelo Brasil.

A imprensa não comentava outra coisa:

A mentalidade do vulgo, desconhecendo o caracter e a finalidade da obra de Voronoff, tendo apenas uma vaga idéa de seus detalhes materiaes – creára em torno do sábio uma série de lendas, cada qual mais monstruosa, cada qual mais ridicula. Ao senso de quase toda a gente Voronoff

surgia como uma entidade estranha, mixto de Mephistopheles e de charláta que, por meio de inoculações de soro de macaco, derramava no sangue dos velhos libertinos – filtros mágicos de juventude, podendo assim transformar um inválido ancião em um mancebo de rija feitura, estuante de virilidade, capaz de todas as proezas e alvoroços dos vinte annos (FRADIQUE, 1926, p.319).

Eduardo iria fazer a cirurgia de rejuvenescimento, pois ainda queria conquistar Gina, sentia uma paixão, uma atração quase irresistível por ela. O amigo e senador Séve submeteu-se a cirurgia para receber a glândula dos macacos.

Apesar disso, a imagem do Doutor Voronoff continuava mergulhada num véu dúbio de imoralidade e de cabotinismo. Ele era visto como “qualquer caixeiro viajante”, visava unicamente o mercado da América do Sul:

Tido e havido entre a maioria da opinião como um inoculador de luxuria, como um restaurador indecente de Faustos em decadência, como descobridor da panacéa caricata que era o soro do macaco – Voronoff attrahia sobre si a repulsa da moral conservadora, e até o anathema das instituições religiosas (FRADIQUE, 1926, p.321).

Mendes Fradique consegue antecipar a reação do público brasileiro e da imprensa local tal qual ocorreu dois anos após a publicação de seu livro:

DOUTOR VORONOFF – era a legenda do dia; foram lançados com a marca Doutor Voronoff uns cigarros de luxo, a que se attribuiam virtudes estimulantes. Mesmo no seio das academias, onde a obra de Voronoff se conhecia de sobejo, surgiram elementos discidentes da legitimidade do processo de rejuvenescimento, julgado por elles

attentatorio ao pudor e condemnavel ao senso da moral conservadora (FRADIQUE, 1926, p.321).

De fato, na ocasião das Jornadas Médicas de 1928, os jornais anunciavam marca de cigarro e também exploraram as querelas ocorridas entre os organizadores das Jornadas, tal qual escrito no romance de Mendes Fradique.

Nesse ponto do texto, o autor aproveita para contar um pouco sobre a experiência do Dr. Voronoff no Egito e as suas observações dos eunucos. Isso demonstra que o Dr. Madeira de Freitas teve acesso às obras de Voronoff e acompanhou os debates que aconteceram em Paris em torno da nova técnica de enxertia. Cita inclusive o nome de outros médicos colaboradores de Voronoff, como Dartigues e Retter. O texto traz os principais pontos de defesa utilizados por Voronoff em relação à sua técnica rejuvenescedora:

1º Que o escopo fundamental do seu processo de rejuvenescimento pelo enxerto de tecido humano ou simiesco era a solução ao problema da longevidade e não o interesse da libertinagem bastarda.

2º Que a ablação de um dos elementos de determinados órgãos pares não prejudicava a função alguma em particular, nem ameaçava a segurança da vida do paciente.

3º Que a doação de tecido vivo de procedência humana, para enxertos, vinha sendo feita havia muito, não só com o sangue, nas transfusões, mas também com vários outros tecidos empregados na cirurgia orthoplastica (FRADIQUE, 1926, p.324-5).

Observe o uso de vocabulário médico e da atualidade e adequação dos debates suscitados pelo método Voronoff que Mendes Fradique demonstra

em seu romance. Tal qual ocorreu em 1928, o texto descreve as atividades do médico 'remoçador': conferências e aulas demonstrativas, tanto em humanos quanto em espécies pecuárias. Até o nome do hospital no qual Voronoff fez suas demonstrações médicas foi antecipado no romance!

Na obra de Mendes Fradique, Voronoff chega com uma provisão de símios e de uma provisão de doadores humanos. Em sua vinda para as Jornadas Médicas, Voronoff desembarcou no Rio de Janeiro com macacos. Mas no romance, Mendes Fradique acrescenta doadores humanos. A "carga humana" é descrita nos seguintes termos:

...e d'um contingente de doadores humanos – uns robustos latagões de soberba aparência, classificados pelo Instituto Dartigues, de Paris, e orçando todos ellos pelos vinte annos, mais ou menos. Havia-os de varia nacionalidade: alguns húngaros, cinco francezes, quatro belgas e um negro norte-americano (FRADIQUE, 1926, p.326).

No romance, os futuros receptores dos enxertos poderiam fazer sua cirurgia em ambiente doméstico, mais discreto, e também escolher se receberiam a glândula de macaco ou de um ser humano. Outra variante era o método da anestesia, se local ou geral. Pela narrativa, os leitores ficam informados que todas as possibilidades e combinações seriam fundamentais para o sucesso ou fracasso da cirurgia.

Mendes Fradique informa do fracasso de Voronoff nas cirurgias que envolviam o enxerto de tecido humano: "No Rio a estatística seguia na mesma ordem: quase todas as applicações do processo nas quaes Voronoff utilisára glândula de símio, attingiam o fim visado; com o emprego de tecido humano: – fallencia integral" (FRADIQUE, 1926). E um desses fracassos coube ao senador Séve:

Fora o seu doador um rapazêlho nortista, typo atarracado, de cabeça chata e olhos vivacissimos, estatura abaixo da normal, mas d'uma saúde de ferro. Devia ter talvez menos de vinte annos, e foi o primeiro brasileiro que se fez doador, ao serviço de Voronoff (FRADIQUE, 1926, p.328).

Tal qual na vida real, a cirurgia do *Doutor Voronoff* era acessível somente aos muito ricos:

Séve gastára em tudo isso uma cobreira louca; e comprára bem caro a ruina de sua ultima illusão de sexagenário. (...) voltara à província succumbido, triste, resignado a findar os seus dias lá para os confins do sertão, entre a sinceridade rude dos boiadeiros e a espessura dos cannaviaes sem fim; entre o seu engenho e a sua safra; longe da sciencia, longe das tentações... (FRADIQUE, 1926, p.329).

Mas Eduardo Marinho, médico de formação estava esperançoso e tinha uma teoria que era apoiada pelo próprio Voronoff:

Ao modo de ver de Eduardo, a anesthesia local, amortecendo a sensibilidade da região operada, deveria diminuir, de algum modo, a vitalidade da mesma, prejudicando assim a tendencia à cicatrização. Aquelles tecidos, infiltrados de anesthesico, tinham fatalmente que soffrer os efeitos do tóxico, não só na sua trama nervosa, mas também na sua capacidade de restauração (FRADIQUE, 1926, p.331).

A cirurgia foi feita com anestesia geral e rápida em sua residência, aproveitando o fato de que Glorinha e D. Sinhá estavam em São Lourenço. O doador de Eduardo foi um 'esplêndido moço belga': "campeão de bicyclêta em Anvers, e que parecia, sem duvida, o mais desempenado e intelligente entre os doadores trazidos pelo sábio" (p.334).

As diferenças de nacionalidades também foram consideradas por Eduardo, que de toda forma preferia ter um doador brasileiro. A questão era encontrar mais um rapaz brasileiro disposto a se desfazer do material a ser enxertado.

Eduardo temeu o fracasso da cirurgia ou um acidente operatório durante a anestesia. O fato é que a operação ocorreu sem maiores acidentes. Seu estado era excelente. No quinto dia do pós-operatório, Voronoff verificou que pela primeira vez conseguiu que um enxerto de tecido humano “pegasse” na mesma espécie.

Enquanto se recuperava da cirurgia, Eduardo recebe convite de casamento de Gina. “Eduardo gostava sinceramente de Gina, e todo o sacrificio daquela operação o fizera elle para melhor poder disputal-a dentre o cortejo dos que a desejavam e queriam” (FRADIQUE, 1926, p.359).

A pergunta que não queria calar era quando os efeitos da cirurgia se fariam notar. Às cinco horas da manhã do sexto dia pós-operatório, Eduardo acordou com o coração que parecia querer saltar fora do peito. Queixava-se de uma forte dor de cabeça. Observou depois uma turvação de sua vista. Voronoff sugeriu que fosse feito então “o levantamento do enxerto”, ou seja, sua retirada, pois “a luz coada atravez dum crystallino de setenta annos era insufficiente para satisfazer à avidéz luminosa duma retina jovem” (FRADIQUE, 1926, p.370).

Disso Voronoff concluía que os enxertos com glândula de símios não chegavam a chocar as condições anatômicas do paciente, mas lograva exaltar-lhe as funções peculiares à glândula enxertada. O caso do Dr. Eduardo Marinho apresentou um rejuvenescimento quase integral. Havia, contudo, uma disparidade entre as aptidões novas das partes remoçadas e a incapacidade dos órgãos que permaneceram em estado senil.

Uma junta médica reuniu-se na casa de Eduar-

do. Diante desses sintomas únicos Voronoff defendia-se, pois não os poderia prever. A ciência era cheia de surpresas. Faz então lembrar que o Dr. Stanley fez as mesmas cirurgias no presídio de São Quintino na Califórnia, com material extraído de condenados à morte, e não observou complicações semelhantes às que Eduardo Marinho experimentava: “a glândula enxertada adherira anatomicamente, entrára a participar da vida do donatário, reassumindo no organismo deste todas as funções secretorias de que se incumbia no organismo do doador...” (FRADIQUE, 1926, p.373).

Outros sintomas acometeram Eduardo: urticária, espessamento e insensibilidade digital, excitabilidade, zumbido permanente, língua coberta de um grosso saburro, esqueleto calcificado, articulações mal lubrificadas, dores nas articulações... Por outro lado, os efeitos positivos da cirurgia fizeram-se logo notar: readquiriu jovialidade, remoçou a fisionomia, a pele ficou mais lisa, os olhos mais brilhantes, a mente mais rápida, a virilidade restaurada.

Bem, a mentalidade de Eduardo recuperou-se remoçou integralmente, e ele virou outro Eduardo: sôfrego, impaciente, ingênuo. Passou a pensar e agir da mesma forma que se age e pensa aos vinte anos de idade. Tornou-se imprevidente, arrebatado, irracional. Com isso sua fortuna e negócios sofreram abalos significativos.

Glorinha volta de São Lourenço e encontra o pai renovado. Eduardo temia de que a filha viesse a saber de toda a história da cirurgia, um assunto deveras escabroso para o espírito de uma moça. E, todo envaidecido pelo seu rejuvenescimento, tinha ímpetos de contar à filha que estava novo. Passou a vê-la como mulher.

Cada vez mais ficava evidente o constrangimento de Eduardo ante a presença da filha. Operou-se uma atração cada vez mais forte e irresistível do sexagenário remoçado por sua filha de cria-

ção: "...agora, com o senso varonil, elle descobrira em Glorinha apenas - uma mulher!" (FRADIQUE, 1926, p.422). E Eduardo sofria o tormento de um afeto sem reciprocidade.

Por sua vez Glorinha sentia que seu pai vinha se tornando esquisito, com uns olhares que lhe causavam estranheza, com modos desusados que a constrangiam.

Eduardo, influenciado pela glândula do jovem belga de vinte anos, já estava convicto de não haver qualquer incompatibilidade civil ou consanguínea entre ambos. Passou a não mais guardar as conveniências. Queria Glorinha para si.

Diante de tamanha obsessão Eduardo confessa a Glorinha não ser seu pai e pede a ela que o tome por esposo. Ela leva um choque e promete dar a resposta no dia seguinte.

E Glorinha procurava decompor, escarpelar, dissecar a estrutura desse dilema terrível: de um lado, o horror de uma ligação amorosa com o homem que lhe não inspirava mais do que uma afeição filial, respeitosa, castíssima; do outro, a deplorável situação de um velho, que nos últimos dias de vida, arruinado na fortuna, sacrificado na saúde física e transtornado na mentalidade, se sentia tomado de mórbida paixão por ella, e, estribuando-se na legitimidade das próprias pretensões, pleiteava, já à beira do túmulo, a illusão de uma felicidade fugacíssima... (p.459).

Glorinha não poderia corresponder à paixão de Eduardo, mas decidiu retribuir, se sacrificar. Haveria um tremendo escândalo social...

Na hora combinada para dar a resposta ao seu pai de criação, Glorinha entra em seus aposentos e informa que fará tudo que ele quiser. E Eduardo responde já enfraquecido: "Glorinha... sou muito feliz... eu precisava mesmo ser feliz... Tu me fizeste

feliz... Deus te..." (FRADIQUE, 1926, p.462)

Então Eduardo não consegue mais falar, as forças lhe fogem, e ele tomba morto.

Tal qual na obra de Goethe, Voronoff é descrito em termos de um Fausto moderno, representando as possibilidades infinitas da então técnica de transplantes entre seres humanos ou entre espécies diferentes. Afinal, se a técnica fosse aprimorada, os seres humanos poderiam viver 140 anos! Muito além do imaginário bíblico de 120 anos. O poder da ciência poderia ser ilimitado.

Segundo Carneiro (2008), no romance,

o problema moral do enxerto cirúrgico desenvolve-se, assim, num plano bastante superficial. O drama vivido por Eduardo, que tenta até certa altura resistir às renovadas tentações da carne, reflete-se numa Maria da Glória apequenada, frágil e chorosa, que nada entende e mostra-se disposta a sucumbir pela simples incapacidade de mudar, o que não permite aprofundamentos existenciais ao longo da narrativa (p.183).

O autor simplesmente reproduz o imaginário de época do que era esperado para uma moça casadoira de tradicional e boa família. As questões morais embutidas no rejuvenescimento, como vida ativa sexual prolongada dos homens e as consequências sociais desta possibilidade vão para além da situação relatada no romance. Na década de 1930 a sífilis, doença sexualmente transmissível causava danos irreversíveis à saúde pública.

A juventude prolongada certamente mudaria os hábitos culturais e afetaria radicalmente a sociedade. Entretanto, uma mensagem implícita no romance de Mendes Fradique é de que a humanidade não pode prescindir do senso senil, o equilíbrio, a experiência, o amadurecimento de espírito. O romance *Doutor Voronoff* é também uma men-

sagem moral, pois, segundo ideais conservadores, a medicina nunca deve atentar contra os mandamentos de Deus.

Os princípios integralistas são conservadores e estão baseados na estrutura familiar e na doutrina da Igreja Católica. De certa forma, este romance do Dr. Madeira de Freitas antecipa os pensamentos integralistas do autor, mas reforça, sobretudo, o fato dele expressar opiniões conservadoras que também povoam o imaginário da sociedade dita “tradicional”.

O romance evidencia, claramente, o ponto de vista de seu autor quando descreve situações constrangedoras ante a moral e a religiosidade vigentes à época. A cirurgia do Dr. Voronoff é reforçada por seus contornos mercadológicos: o postulante ao novo órgão pode escolher a nacionalidade do doador com todas as características da origem – social, cultural, nacional – impressas neste pacote. O Dr. Voronoff, judeu, promete, cumpre e cobra o rejuvenescimento. Aqui o médico judeu é apresentado por Mendes Fradique como um ganancioso, mesma imagem que ele passa da outra personagem judia do romance, o ex-sócio de Eduardo Marinho.

As consequências? Elas são vislumbradas pela desestruturação dos laços familiares, pela adoção de hábitos mundanos com a degeneração de valores conservadores. O xenotransplante, neste contexto, seria apenas mais uma ferramenta para melhorar o ser humano, sua vitalidade, saúde, força. Essa cirurgia revolucionária é um instrumento para a melhoria humanidade: saúde, longevidade e seleção dos melhores. Ideias eugênicas também fazem parte do ideário integralista.

A medicina como prática social deve basear-se em saberes científicos e garantir que sua aplicação seja para servir o bem da humanidade. Segundo Carlos Miranda (2013, p.160), no Brasil, neste mesmo período, o pensamento eugenista, evado de

uma fé extremada nos avanços da ciência e da técnica, passou a exercer influência no meio intelectual. A classe médica, particularmente, acreditava que poderia acabar com a “degeneração moral e racial” da população.

O romance *Doutor Voronoff* ilustra algumas implicações éticas, morais e políticas que até hoje cercam ideias, problemas técnicos e desafios científicos que se associam à eugenia no campo das práticas de saúde. Essa obra de 1926 continua atual, uma vez que nos faz refletir sobre o sentido prático do conhecimento médico e o perigo de sua associação à interesses políticos anti-humanitários, como as tresloucadas concepções de higienização da sociedade que, na Europa, culminaram, viriam a culminar na “limpeza de sangue” e na “Solução Final” na Segunda Guerra Mundial.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Robert E. *Médicos Revolucionários: de Hipócrates ao genoma humano*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Mendes Fradique e seu Método Confuso: sátira, boemia e reformismo conservador*. Tese de doutorado. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, 2008.
- CUPERSCHMID, Ethel Mizrahy; CAMPOS, Tarcisio Passos Ribeiro de. “Os curiosos xenotransplantes do Dr. Voronoff”. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, nº3. Julho-Setembro, 2007, p.737-760.
- FRADIQUE, Mendes. *Doutor Voronoff*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro Freitas Bastos, Spicier & C., 1926.
- GILLYBOEUF, Thierry. “The famous doctor who inserts monkeyglands in millionaires” [O famoso doutor que inseria glândulas de símios em milionários]. *Journal of the E.E. Cummings Society*, USA, Michigan, Spring 9, October 2000, p 44-5. Disponível em: <<http://faculty.gvsu.edu/webster/cummings/issue9/Gillybo9.htm>>. Acesso em 04/12/2014

LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso: humor e boemia em Mendes Fradique*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. "Saberes e práticas do Movimento Eugênico no Brasil: uma busca pela regeneração integral da natureza humana". In: MOTA, André; MARINHO, Maria Gabriela S.M.C. (orgs). *Eugenia e História: ciência, educação e regionalidades*. São Paulo: USP; Faculdade de Medicina; UFABAC, Universidade Federal do ABC: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2013.

ORIOU, Rafael. "Serge Voronoff". *Xenotransplantation: Official Journal of the International Xenotransplantation Association*, 8(2), 149-150. May 2001. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1034/j.1399-3089.2001.008002149.x/pdf>>. Acesso em 04/12/2014

POLIAKOV, Leon. *De Voltaire a Wagner*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.

_____. *A Europa suicida: 1870-1933*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.

_____. *De Cristo aos judeus da corte*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

RÉAL, Jean. *Voronoff*. Paris; France: Stock, 2001.

ROTH, Cecil (Ed.) *Enciclopédia judaica*. Rio de Janeiro: Tradição, 1967.

VORONOFF, Serge. *The Conquest of life*. New York: Brent Ano's, 1928.

FONTES DOCUMENTAIS

Jornadas Médicas. In: DIÁRIO DE MINAS, 12/07/1928, Nº 5718, p.1.

As jornadas Médicas. "A Conferência do Professor Voronoff esta tarde" in A NOITE, dezesseis de julho de 1928, nº 5983, p.3.

As Jornadas Médicas. "A primeira Conferência do professor Voronoff" in A NOITE, dezesseis de julho de 1928, nº 5983, p.1 (2ª ed).

"Um livro brasileiro julgado por uma celebridade estrangeira – 'O Doutor Voronoff' no conceito do Dr. Voronoff" in A NOITE, vinte e sete de julho de 1928, nº 5994, p.1.